

## 4

### Conclusão

Aquele que é bom em dar desculpas raramente é bom em mais alguma coisa.<sup>1</sup>

A citação que serve de epígrafe a este capítulo nos mostra o julgamento que muitas pessoas fazem em relação ao pedido de desculpas e a suas estratégias adjacentes. Elas sugerem também o tipo de problema que o aluno estrangeiro pode enfrentar no contato com a cultura brasileira. Se ele for originário de uma cultura mais objetiva, linear, como a americana, que talvez veja na justificativa um meandro vão, pode interpretar mal os caminhos pelos quais os brasileiros convencem, uns aos outros, de seus arrependimentos diante de seus deslizes.

Uma vez que cada cultura encontra a melhor forma de expressar a sua realidade, o aprendizado de uma língua estrangeira não pode ser apenas memorização de vocábulos e regras gramaticais. É importante que o aluno entenda que aprender uma nova língua significa começar a ver o mundo com outros olhos. E que esse olhar, apesar de nunca poder ser totalmente desprovido de alguma influência da(s) sua(s) cultura(s) de origem, deve estar permeado de uma predisposição a conhecer o novo e uma tolerância da diferença. Buscamos então, através deste trabalho, oferecer mais contribuição para uma área de estudos que, felizmente, a cada dia se torna mais rica e interessante.

Vimos em Cheng (2001), a partir da teoria de polidez de Brown e Levinson (1987), a afirmação de que existem atos de fala que podem ameaçar a face do próprio falante. Ele se refere a tais atos como Atos de Ameaça à Própria Face (AAPF). Uma vez tendo sua face ameaçada, o falante pode optar ou não por se utilizar de estratégias de recuperação da face ameaçada. Ele pode realizar o ato de forma direta, sem reparação da face; com reparação, através de estratégias de polidez; *off-record*, ou extra-oficialmente; ou ele pode ainda refrear o AAPF, decidindo não o realizar, a fim de preservar sua face.

---

<sup>1</sup> Benjamin Franklin

Encontramos, além dessas possibilidades, exemplos de situações nas quais o falante, apesar de refrear o pedido de desculpas propriamente dito, se utiliza de estratégias de polidez. Optamos por chamar tais formas de realizar o AAPF de *refreamento parcial*.

Quando o falante optar por realizar o AAPF e ainda quiser salvaguardar sua face, precisará lançar mão de certas estratégias para atingir este objetivo. Dentre as estratégias propostas por Cheng, pudemos identificar as seguintes: justificativa, contradição, *hedge*, e confiança.

Além dessas, reconhecemos outras estratégias de recuperação da própria face, não aventadas por Cheng, a saber: repetição, exageros, apelo sentimental, atenuantes, e auto-depreciação.

Pudemos perceber que, na maioria das situações, as escolhas das estratégias buscavam uma aproximação entre falante e ouvinte. O primeiro procurava sensibilizar o último aos motivos que o levaram a cometer a falta ou ofensa em questão.

Ao término da nossa pesquisa, pudemos concluir que:

- (i) De fato, a DIFI preferencial nos dados coletados foi “Desculpa”, ou uma de suas expressões correspondentes;
- (ii) Os brasileiros nem sempre fazem uso de mais de uma estratégia para realizar o ato expressivo de pedido de desculpas;
- (iii) A justificativa foi a estratégia preferencial na realização de pedidos de desculpas no corpus;
- (iv) A escolha por estratégias adjacentes à DIFI se dá por uma busca por estabelecer intimidade e solidariedade, a fim de melhor sensibilizar o ouvinte em relação ao propósito ilocucionário do ato de pedir desculpas.

De posse dessas informações, o professor e o produtor de materiais para o ensino e aprendizagem de PL2E têm mais instrumentos para formular atividades e exercícios que vão, ao mesmo tempo:

- Capacitá-lo a atingir melhor seus objetivos comunicativos;

- Entender, sem preconceitos etnocêntricos, o comportamento escusatório do brasileiro.

Oxalá este trabalho possa ser de alguma contribuição neste eterno e necessário movimento de aperfeiçoamento do professor de PL2E.